

Questões e perspectivas em torno da história da eugenia: o que mais a historiografia tem a dizer sobre o tema?

Issues and perspectives around the history of eugenics: what else does historiography have to say about the topic?

Leonardo Dallacqua de Carvalho

Casa de Oswaldo Cruz
leo_gerrard@hotmail.com

Gerson Pietta

Universidade Estadual do Centro-Oeste
gersonpietta@gmail.com

Resumo: O que pode motivar o historiador do século XXI a investigar um assunto amplamente tratado e tão interdisciplinar quanto a eugenia? Qual o ineditismo que estudos à luz do novo século podem oferecer para uma historiografia que ainda é convidativa àqueles que buscam se aventurar nessa temática? Este ensaio não tem a pretensão de fazer um levantamento/balanço bibliográfico acerca dos recentes trabalhos que incluem como temática a eugenia, mas apontar novas questões e perspectivas a serem reveladas como fonte e análises que trazem contribuições para o campo da História das Ciências e dos pesquisadores que utilizam a eugenia como objeto de investigação.

Palavras-chave: Eugenia; Historiografia das Ciências; Fontes.

Abstract: What can motivate a twenty first century historian to investigating a widely treated and so interdisciplinary subject as eugenics? What is the originality that studies in the light of the new century can contribute to a historiography which is still inviting to those seeking to venture into this subject? This essay doesn't have the ambition to make a literature review/balance about recent works on the subject of eugenics, but to point new issues and perspectives to be disclosed as source and analysis that bring contributions to the field of the history of science and to researchers who adopt eugenics as a research object.

Keywords: Eugenic; Historiography of Science; Sources.

Introdução

No início dos anos 1990, Mark Adams e colaboradores publicaram o livro *The Wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. A obra, entre várias propostas, pensava em colaborar com os pesquisadores com uma análise comparativa do enraizamento da eugenia em diferentes tempos e espaços.¹ Esse esforço se deveu muito a uma série de interpretações que surgiram após a Segunda Guerra Mundial, em que os estudos da eugenia originaram motivações e emoções na sua complexidade de compreensão. Em 2009, Adams reafirmou esta necessidade, pois "In recent decades, historians have begun to reconstruct the eugenics movements in dozens of countries, and what has emerged is a varied and interesting picture that requires us to reconsider our understanding of the term".²

Podemos entender a afirmação do autor como um convite às novas pesquisas que envolvem a temática da eugenia, a refletir seus diferentes momentos e evitar os anacronismos e mitos que atrelavam esta ciência apenas a um caráter genocida ou unilateral. A proposta de analisar o tema em locais tão distintos geográfica, étnica e politicamente, como Rússia, Alemanha, Brasil e França, reflete a importância em compreender os momentos das elaborações científicas e as disputas de correntes que estão envolvidas no processo do conhecimento.

Vinte e cinco anos se passaram desde a proposta de Adams, mas ainda percebemos a atualidade do chamado dos autores para o estudo da eugenia. Este é o principal motivo de escrevermos este trabalho não apenas como um balanço historiográfico mas como uma geração que percebe a validade da proposta da pluralidade de enfoques. Na primeira década do século XXI, a abordagem sob este aspecto tornou-se senso comum entre pesquisadores da eugenia, pois ninguém mais negaria seu caráter polimorfo. Aliás, a amplitude das perspectivas de entender a eugenia contribui para não cairmos no equívoco da crença de que há pouca coisa ainda para se somar e nada mais poderia ser dito. A primeira premissa é verdadeira, muita coisa sobre eugenia foi e vem sendo escrita; a segunda é o motivo das nossas aspirações nas próximas linhas, pois acreditamos que, além das novas perspectivas contextuais e plurais de análise da eugenia, as fontes brindam as novas pesquisas.

No alvorecer do novo século, selecionamos uma variedade de trabalhos que demonstram a criatividade dos historiadores das ciências ou de outras áreas em perceber aspectos da eugenia nas fontes mais diversificadas na escrita da história. Literatura médica, caricaturas, fontes impressas, boletins, produção intelectual de personagens, leis e decretos, enfim, vários componentes serviram como ferramenta para esses pesquisadores ligarem-se e colocarem-se na corrente que apreendeu a eugenia como plural e polimorfa no Brasil. Outro elemento que destacaremos e que servirá como apoio para nosso argumento, é a organização de eventos que teriam como alvo de discussão a eugenia. Entre eles, a apresentação no ano de 2014, no *14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, de uma sessão de comunicação que contemplou a reunião de diferentes trabalhos que visou a eugenia e suas diferentes fontes e um minicurso ofertado pela Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ e a Universidade de Michigan.

Um último alerta deve ser feito para este artigo não ser reduzido a um emaranhado de resenhas de livros e propostas, mas às contribuições que podem ser percebidas nessas obras para a relação entre fonte

¹ ADAMS, Mark B. Eugenics in the History of Science. In: _____ (Org.). *The Wellborn science: eugenics in Germany, France, Brazil and Russia*. New York: Oxford University Press, 1990. p. 7.

² ADAMS, Mark B. Eugenics. In: RAVITSKY, Vardit; AUTUMN, Fiester; CAPLAN, Arthur (Orgs.). *The penn center guide to bioethics*. New York: Springer Pub, 2009.

e objeto. A seleção dos trabalhos aqui reunidos responde a uma organização de fontes, dando privilégio à sua diversidade, ao passo que corremos o risco de deixar de fora – e certamente deixaremos – muitas outras pesquisas em desenvolvimento. Por uma questão de posicionarmos nosso argumento em um artigo, a triagem necessitou de escolhas no sentido de procurar na variedade do uso das fontes um caminho a seguir. A nossa intenção, desde o início, é apresentar as possibilidades de fontes para a investigação da eugenia, portanto parece necessário percorrê-las por estes trabalhos para, na narrativa, compreender sua "essência" como uso das fontes. Mais que isso, é apontar que por meio dessas obras o tema da eugenia está aberto e ainda é convidativo para muitas pesquisas.

Eugenia, fontes e novas abordagens

Preocupado com o a escrita e a reescrita da história, o historiador das ciências Kostas Gvroglu enseja nosso argumento:

Não existem temas ou perguntas "fechados" e "acabados", cujas repostas garantam que não "se voltará a abrir" esse tema. As novas investigações trazem à superfície novos elementos, estudam em profundidade outras situações idênticas e personagens que desempenharam um papel principal ou secundário na vida de certas pessoas e que esclarecem a sua ambiência social, etc.³

É por esse excerto de Gvroglu que colocamos a pertinência do trabalho de Nancy Leys Stepan na condução dos temas que poderiam ser concluídos como "fechados" e "acabados" para novas abordagens. Em duas oportunidades, a autora trouxe novas perspectivas aos historiadores da eugenia que se debruçam nas especificidades de compreensão na América Latina, em especial, o Brasil. Em um capítulo denominado *Eugenia no Brasil, 1917-1940* (2004)⁴ e em *A hora da eugenia: raça gênero e nação na América Latina* (2005),⁵ Stepan considerou um olhar mais atento para o historiador nas particularidades de cada apropriação da eugenia em determinados tempos e espaços. A pesquisadora Alexandra Stern⁶ considerou o alerta de Stepan como "Latinizadora da eugenia" (*Latinizing Eugenics*), por demonstrar que os países latinos produziram conhecimento e não somente o replicaram. A consequência dessas obras representa uma abertura da agenda de pesquisas relevante para o campo da História das Ciências no Brasil e na América Latina. Seus enfoques contribuíram inclusive para a interpretação da eugenia em países como Portugal, Espanha, França e Itália.

Custaria caro atribuir apenas a Stepan uma abordagem multilateral da eugenia na América Latina. É preciso notar outros trabalhos como o de Guázo,⁷ que pensou a singularidade da interpretação da eugenia no México e sua relação étnica e da sociedade mexicana em formação no século XX. O que a torna relevante para nossos objetivos é a apropriação de um leque de múltiplas percepções da eugenia enquanto assimilada por diversos atores e contextos políticos, sociais e econômicos.

³ GVROGLU, Kostas. *O passado das ciências como História*. Porto: Porto Editora, 2007. p. 75.

⁴ Tradução.

⁵ STEPAN, Nancy L. *A hora da eugenia: raça gênero e nação na América Latina*. Tradução de Paulo M. Garchet. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.

⁶ STERN, Alexandra Minna. "The Hour of Eugenics" in *Veracruz, Mexico: Radical Politics, Public Health, and Latin America's Only Sterilization Law*. *Hispanic American Historical Review*. Duke University, v. 91, n. 3, 2011. p. 432. Disponível em: <http://hahr.dukejournals.org/content/91/3/431.short> Acesso em: 10 de junho de 2015.

⁷ GUÁZO, Laura Suárez y López. *Eugenesia y racismo en México*. Coyoacán, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

Em um *workshop* internacional ocorrido em novembro de 2004, na Argentina, um grupo de historiadores das ciências buscava ressaltar a presença da eugenia no mundo latino. Havia, ainda, naquele momento, a necessidade de atacar a visão de uma eugenia estritamente anglo-saxônica. Para tanto, o encontro baseou-se em discutir como se arranjou a eugenia em países europeus, como Itália e Espanha e países latino-americanos, como Argentina, Cuba e Brasil. Uma das hipóteses do grupo se baseava na interpretação de uma eugenia que se estende no tempo para além do pós-45. O argentino Héctor Palma,⁸ em seu texto publicado por um grupo de pesquisadores, indicaria os três erros mais comuns cometidos em pesquisas acerca da eugenia, entre eles: eugenia como um produto pseudocientífico, a ideia de uma eugenia praticada principalmente na Alemanha nazista com poucos reflexos em outros países e, por fim, que atualmente estaríamos assistindo à presença de uma nova eugenia.⁹ Para chegar a tais considerações, o autor se utilizou de fontes argentinas amplas, tais como a *Revista de filosofía, cultura, ciencias y educación*, o periódico *La Semana Médica* e o *Boletín del Museo Social Argentino*.

Interessante investigação está exposta no texto de Richard Cleminson,¹⁰ que buscando sinais de referências acerca da eugenia na Espanha, particularmente na região leste da Catalunha e fora do caráter estatal, pesquisou fontes comumente não analisadas. A sua intenção foi realmente buscar uma produção referente à eugenia que não era consensual com a classe dirigente e que não havia sido utilizada no formato de políticas públicas no governo ditatorial do general Primo Rivera.¹¹ Cleminson evidencia as lutas dos discursos eugênicos entre as elites dirigentes e os anarquistas. De um lado, as produções oficiais advindas da *First Eugenic Day's*, de 1933, em Madrid, e publicadas no periódico *Gaceta Médica Española*, e, ainda mais tarde, em 1934, compiladas em dois volumes intitulados *Genética, eugenesia y pedagogía sexual. Libro de las primeras jornadas eugénicas españolas*; de outro lado, Cleminson cita o caso do movimento anarquista pela eugenia no leste da Espanha, que possuía um programa de reforma sexual por meio do neomalthusianismo que ficou revelado nos periódicos *Salud y Fuerza* (1904-1914) e também por meio da eugenia exposta em *Generación Conciente* (1923-1929) e *Estudios* (1929-1937). Acerca das diversas percepções em relação à eugenia, Cleminson adverte: "(...) in anthropology, as in the history of eugenics, the dismissal of movements that lack state apparatus or involvement in the state becomes a way of erasing historical diversity".¹²

⁸ PALMA, Héctor A. Consideraciones historiográficas, epistemológicas y prácticas acerca de la eugenesia. In: MIRANDA, M.; VALLEJO, G. (Org.). *Darwinismo social y eugenesia en el mundo latino*. Buenos Aires, Siglo XXI Argentina-Espanha, 2005.

⁹ O primeiro erro, segundo o autor, elimina a relação entre ciência, sociedade e política tão cara aos historiadores. O segundo é comprovado através da participação de membros da comunidade científica em projetos eugênicos, bem como organização de congressos e associações. Já em relação a uma nova eugenia, Palma a diferencia da eugenia clássica – a primeira acontecendo de forma discriminatória a determinados grupos e ao mesmo tempo coercitiva, a segunda preocupada com a prevenção de doenças hereditárias, de caráter privado e não coercitivo, porém, acessível a grupos economicamente abastados.

¹⁰ CLEMINSON, Richard. Eugenics without the state: anarchism in Catalonia, 1900-1937. In: *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*. n. 39, 2008. p. 232-239. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1369848608000204>. Acesso em: 10 maio de 2015.

¹¹ Em relação a este ponto, Cleminson (*ibid.*, p. 232) fazia crítica à análise de Barret, D. & Kurzman, C. (Globalizing social movement theory: The case of eugenics. In: *Theory and Society*. n. 33, 2004. p. 487-527.), que acreditavam que a eugenia na Espanha era um movimento que tentou mudar as políticas públicas do Estado, em um contexto de grande apoio ideológico e pouca oposição organizada. Acreditavam igualmente que o discurso eugênico advinha somente de grupos da elite, que por estar em posição privilegiada, obtiveram êxitos. Para tanto, relata Richard Cleminson que "[...] In contrast, some eugenicists in Spain suffered from a ban on their activities in 1928 and, given their lack of durable institutionalization, were confronted with a difficult and uphill struggle to make the voices heard [...]". (*id.*, *ibid.*, p. 232-233). Houve dificuldades de legitimação dos projetos eugenistas não oficiais em função do regime ditatorial.

¹² CLEMINSON, *ibid.*, p. 23.

Portanto, cabe o questionamento sobre o que alguns trabalhos recentes que tratam de eugenia investigaram e quais fontes foram elencadas para a compreensão do assunto. A partir desta discussão podemos observar que a matéria permanece com múltiplas possibilidades de investigação e interpretação. Ainda se apropriando de umas das ideias centrais do estudo da eugenia na América Latina, para Stepan, o pesquisador deve entender as relações da eugenia fora do pensamento "monolítico", seja ele político, social ou ideológico.¹³ Veremos alguns sinais ainda no decênio final do século XX de como a historiografia brasileira incorporou alguns desses discursos de análise.

Na década de 1990, especialmente no ano de 1994, dois trabalhos com enfoque na eugenia surgem no cenário acadêmico. O primeiro é a dissertação de mestrado de José Roberto Franco Reis, intitulada *Higiene mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)* e o segundo, a obra *A medicalização da raça: Médicos, Educadores e discurso eugênico*, de Vera Regina Beltrão Marques.

O papel de Reis¹⁴ nessa abordagem historiográfica foi, entre outros, na condução dos discursos de médicos e psiquiatras na defesa de um projeto de nação plasmado em desejos de melhoramentos raciais e eugenia. Não é à toa que uma de suas principais contribuições refere-se ao manejo das fontes dos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* e ao hastear das bandeiras antialcoólicas defendido pelo núcleo dessa Liga, bem como as representações dos ideais de um povo forte e saudável. Outro ponto-chave é a ligação das governanças em atividade no país, em períodos como a Primeira República e a Era Vargas e o desencadear das articulações entre a Liga e o Estado em suas campanhas. O trabalho de Reis maximiza as possibilidades de ligação entre um discurso eugênico e as práticas de políticas públicas no país.

Por sua vez, Vera Regina Beltrão Marques chamou atenção "[...] não para as políticas do Estado mas as vozes da sociedade, a fala dos médicos e, portanto, dos principais observadores e interventores do corpo biológico".¹⁵ Mesmo com o caráter indissociável entre o Estado e as políticas públicas de médicos e demais interventores do corpo humano, a pesquisadora busca focalizar os discursos de intelectuais do pensamento eugênico na edificação de uma possível "unidade racial". Na confecção da sua obra, ela estaria atenta às novas abordagens no entendimento da eugenia, uma vez que, assim como Reis,¹⁶ utiliza Nancy Stepan¹⁷ como referencial teórico para pensar os espaços de negociação da eugenia e a sociedade. Isso permite compreender, por exemplo, sua preocupação com a percepção do cenário nacional na constituição de uma interpretação da eugenia em caráter particular.¹⁸

Em suma, a inclusão desses dois autores no debate de estudos sobre eugenia, ainda no decênio final do novecentos, significa considerar como o tema tem sido trabalhado e quais perspectivas colaborariam na expansão de tratamento com fontes e interpretações sobre os estudos de eugenia. Tanto o uso dos *Arquivos da LBHM* por Reis como o do *Boletim de Eugenia* por Marques sugerem a flexibilidade do *corpus* documental para avaliar o que representaria a eugenia no Brasil. Aliás, o esforço é também

¹³ STEPAN, Nancy L. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. (Orgs.). *Cuidar, controlar e curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. p. 381-382.

¹⁴ REIS, José Roberto Franco. *Higiene mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: UNICAMP, 1994.

¹⁵ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. CAMPINAS, SP: Editora Unicamp, 1994. p. 19.

¹⁶ REIS, *ibid.*, p. 352.

¹⁷ MARQUES, *ibid.*, p. 51.

¹⁸ *Idem, ibidem*, p. 55.

introdutório, pois tais pesquisas acabaram tornando-se uma opção de instrumentos bibliográficos para os estudiosos que viriam a se interessar pelo assunto.

De tal modo, salta aos olhos a dissertação de mestrado de Vanderlei Sebastião de Souza,¹⁹ *A Política Biológica como Projeto: a "Eugenia Negativa" e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*, defendida em 2006, para indicar que, alguns anos depois da publicação do livro de Stepan, novas possibilidades e questões atingiam a curiosidade do historiador das ciências e da eugenia.

Souza debruçou-se sobre fontes do *Boletim de Eugenia* e a produção intelectual de vários personagens do debate eugênico – como Renato Kehl, Roquette-Pinto, Alexandre Tepedino, entre outros – no Brasil, nos primeiros decênios do século XX. Um dos aspectos da referida dissertação encontra-se justamente no repensar da ação da eugenia no Brasil e as características de correntes eugênicas nomeadas de "positivas" e "negativas". Esta afirmação, segundo Souza, vai de encontro à hipótese de Stepan, que demonstrou que houve "um discurso mais 'suave', muito mais preocupado com as questões sociais e ambientais do que com os aspectos eminentemente biológicos".²⁰ Ao contrário, no decorrer do trabalho, ao organizar seu material da trajetória intelectual de Renato Kehl, Souza entendeu que no final dos anos 1920 houve um deslocamento de um pensamento de eugenia mais "branda" para uma mais "radical".

Souza em *The National Museum's Physical Anthropology Archives: sources on the history of eugenics in Brazil*²¹ asseverou que no Brasil, além dos *Annaes de Eugenia* editados pela Sociedade Eugênica de São Paulo, das *Atas* e dos trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e do *Boletim de Eugenia*, os arquivos do Museu Nacional de Antropologia Física também eram uma fonte riquíssima para esse estudo.

Sendo assim, logo após a publicação de *A hora da eugenia: raça gênero e nação na América Latina*, pesquisadores brasileiros entenderam que a pluralidade do discurso eugênico no Brasil assumiria uma variedade de lados e posições e que nem sempre seguiria uma linha fiel a movimentos internacionais. A pesquisa de Souza amplia a possibilidade de notar os diversos caminhos que a eugenia tomou no país. Mais tarde, o mesmo autor desenvolveria em sua tese de doutorado²² essa diversidade do pensamento eugênico na figura de Roquette-Pinto e seus diálogos com as eugenias estadunidense (Charles Davenport) e alemã (Eugen Fischer).²³

Aliás, quando pensamos os diálogos entre atores políticos e sociais acerca da eugenia, Robert Wegner e Vanderlei Sebastião de Souza²⁴ oferecem uma perspectiva sobre o debate da eugenia "negativa" no Brasil. Lançar mão da análise dos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* como fonte especializada para o tema permitiu aos autores perceber o entrelaçamento com psiquiatras do período que flertavam com concepções de revitalização dos chamados "degenerados" na condição de proposta médica de

¹⁹ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A Política Biológica como Projeto: a "Eugenia Negativa" e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. Ver também: SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Renato Kehl, o eugenista do Brasil*. In: HOCHMAN, Gilberto; LIMA, Nísia Trindade. *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 262-284.

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 12.

²¹ SOUZA, Vanderlei Sebastião de et al. *The National Museum's Physical Anthropology Archives: sources on the history of eugenics in Brazil*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, July/Sep., 2009.

²² SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette-Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1930-1935)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

²³ *Idem, ibidem*, p. 218-236.

²⁴ WEGNER, Robert; SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia 'negativa', psiquiatria e catolicismo: embates em torno da esterilização eugênica no Brasil. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. v. 20, n. 1, 2013.

"regeneração social", mas que ao mesmo tempo encontraram resistência nos setores no interior do movimento eugênico.²⁵

A aproximação da abordagem que prioriza a compreensão de uma história intelectual da eugenia gerou bons frutos da crítica do próprio objeto como contribuição historiográfica. Nesse sentido, ao tomar como preocupação as obras de Renato Kehl, Robert Wegner²⁶ faz uma interessante referência às leituras de Kehl sobre Friedrich Nietzsche. Por meio da produção intelectual do eugenista, verificou que as referências ao filósofo alemão foram recorrentes em suas obras e, mais que isso, uma inspiração. As ideias de "homem renovado" e "super-homem" de Nietzsche não estão conectadas à eugenia como gostaria Renato Kehl, mas o discurso foi aproximado por uma "estratégia argumentativa" do médico brasileiro, conforme expressa Wegner. De tal modo, os periódicos especializados trazem à luz novas percepções de compreender, por exemplo, a aproximação de Kehl com a filosofia ou teóricos alemães na justificativa de um endurecimento da eugenia.

Na esteira da análise de uma história intelectual para a compreensão da pluralidade do debate acerca da eugenia, Paula Habib,²⁷ na tese *Agricultura e biologia na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ): os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. (1917-1937)*, realça a relação entre mendelianismo e neolamarckismo ao referenciar Renato Kehl, Octávio Domingues e Salvador de Toledo de Piza Jr. em volta dos discursos entre genética e melhoramento humano – algo que interessava aos eugenistas.²⁸ A fala de Domingues em defesa da genética mendeliana demonstra a pertinência em visitar o debate com mais profundidade: “Essa verificação no domínio da patologia, pela qual sabemos agora que a tísica não dever ser considerada um mal hereditário, mas na verdade um mal congênito – é mais um piparote que abala a caduca tese lamarckiana nos exageros das suas asseverações”.²⁹ Dessa forma, seja por uma questão de “raça” ou mesmo por temas ligados à agricultura ou zoologia, os discursos entre neolamarckistas e mendelianos precisam ser problematizados mediante a concepção do que cada agente entendia do termo "eugenia" e as conceituações científicas de hereditariedade do período.

Em vista dessas peculiaridades na interpretação dos atores da fonte, em artigo denominado *De plantas y hombres: cómo los genetistas se vincularon a la eugenesia en Brasil (un estudio de caso, 1929-1933)*, Habib³⁰ juntamente com Wegner assinalam a importância de certos cuidados:

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 271.

²⁶ WEGNER, Robert. Renato Kehl, a eugenia alemã e a doença de Nietzsche. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo: *Anais...* São Paulo, 2011. p. 1-10.

²⁷ HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. *Agricultura e biologia na Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' (ESALQ): os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. (1917-1937)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010.

²⁸ Para a autora, “Chama a atenção a naturalização da identidade comum dentro da zoologia, da mesma forma que Octavio Domingues naturalizou a eugenia, ao afirmar que o sucesso do melhoramento genético de plantas e animais poderia e deveria ser estendido ao melhoramento genético do homem. Nesse sentido, o ingresso dos dois professores de Piracicaba no movimento eugênico nacional e a defesa do estudo da hereditariedade humana nos mesmos moldes da hereditariedade animal e vegetal deu-se pela genética, em um primeiro momento, e não por questões sociais e políticas. A participação de Piza Jr. e Domingues na eugenia brasileira não foi um caso único ou diferente da relação entre geneticistas e eugenistas em outros países do mundo, como será analisado. (*Id., ibid.*, p. 280; 283).

²⁹ DOMINGUES, 1930 *apud Ibid.*, p. 288-289. O *Boletim* se apresenta como uma boa fonte para perceber os ataques e defesas dessas correntes. Como destaca a autora, “o periódico de número 16 foi praticamente dedicado à discussão das questões da hereditariedade, com especial ênfase na genética mendeliana”. *Ibid.*, p. 288-289.

³⁰ HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia; WEGNER, Robert. *De plantas y hombres: cómo los genetistas se vincularon a la eugenesia en Brasil (un estudio de caso, 1929-1933)*, *Asclepio*, 66 (2): 2014. p. 53.

Es importante observar que, provenientes de una institución de investigación y enseñanza ubicada en el Estado de São Paulo, Octávio Domingues y Salvador Toledo Piza Jr. forman parte de un contexto específico del movimiento eugenésico en Brasil, que, como han señalado investigaciones recientes, se desarrolló de distintas maneras en diferentes partes del país. En el caso de São Paulo, el pensamiento eugenésico se insertó en una tradición que entendía a los paulistas como resultado de un mestizaje mejor resuelto que en otras regiones.³¹

As questões das regionalidades, mais especificamente no que diz respeito à relação entre ciência e identidade, estiveram fortemente presentes no discurso dos intelectuais, como fora percebido por Habib e Wegner³² no caso paulista.

A dissertação de mestrado de Gerson Pietta³³ (2015), *Medicina, eugenia e saúde pública: João Candido Ferreira e um receituário para a nação (1888-1938)*, produz contribuições para a História das Ciências no que se refere aos usos de teses eugênicas no estado do Paraná. O caso do médico e intelectual João Candido Ferreira – alocado marginalmente no campo eugênico nacional – é revelador de um uso peculiar e multifacetado dessas teorias. A interpretação de Stepan em relação ao neolamarckismo não se coloca suficientemente nas explanações acerca da eugenia. Como comentamos neste ensaio, a historiadora parte do pressuposto de que, na América Latina, a eugenia, por estar associada à ideia neolamarckista de raça, se estabeleceu de forma branda. Ainda que concordasse com o caráter polimorfo da eugenia, deixou relevantes lacunas para os historiadores.

A partir de jornais, periódicos científico-literários além de textos científicos do citado médico, Pietta compreendeu um amplo diálogo entre o neolamarckismo e o neo-hipocratismo, ou como se costuma chamar na historiografia da ciência – o ambientalismo médico do século XIX. Partindo do pressuposto de que esse é um debate não resolvido dentro da História das Ciências,³⁴ e não tendo como pretensão afirmar que o sanitarismo esteve ligado diretamente à tradição neo-hipocrática, o autor entendeu como o neolamarckismo esteve atravessado pelo neo-hipocratismo, no sentido deste ter sido reapropriado ou ressignificado pelo médico eugenista como forma de se estabelecer no campo médico. Essas teorias são essenciais e oferecem características básicas para a projeção de saúde pública do médico estudado.

Outro historiador que tem mobilizado esforços para o trato com a eugenia é o professor da Universidade de São Paulo (USP), André Mota. Seu livro *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil* (2003)³⁵ pensa o lugar da eugenia no estado de São Paulo e sua apropriação por diferentes agentes e relações de poder. Em referência ao discurso da virilidade do bandeirantismo paulista, Mota demonstra como medicina, higiene e eugenia acabaram entrelaçadas e ecoadas nas falas de médicos e na

³¹ *Idem, ibidem.*

³² *Idem, ibidem.*

³³ PIETTA, Gerson. *Medicina, eugenia e saúde pública: João Candido Ferreira e um receituário para a nação (1888-1938)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Centro-Oeste. Irati: UNICENTRO, 2015.

³⁴ Ajudam a demonstrar esse diálogo que por vezes passa despercebido aos olhos do historiador, autores como: ARAUJO, R. A. B. *Guerra e Paz - Casa-Grande & Senzala e A Obra de Gilberto Freyre Nos Anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. p. 315; FERREIRA, Luiz Otávio. Uma interpretação higienista do Brasil. In: Alda Heizer; Antonio Augusto Passos Videira. (Org.). *Ciência, Civilização e Império nos Trópicos*. 1. ed. Rio de Janeiro: ACESS Editora, 2001. p. 207-224; PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005; MAIO, M. C. Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo, Ventura. (Org.). *Raça como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 51-83. O caso estudado por Ricardo Benzaquen de Araújo (1994) traz para o centro das discussões Gilberto Freyre e abre portas para entender como se deu o diálogo entre as questões raciais e o neolamarckismo nas obras do autor, colocando em cheque o culturalismo de Franz Boas na trajetória de Freyre.

³⁵ MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ordem do dia das preocupações acerca da mistura racial na constituição de um povo; de outro modo, na formação de uma *raça de gigantes*.

Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades (2013)³⁶ está situada na movimentação de Mota ao esmiuçar o cenário da eugenia em diferentes escalas. Ao organizar o título com Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho, os autores congregaram uma variedade de temáticas que, entre muitas, destacaríamos a importância de pensar as regionalidades na esfera da saúde, higiene e eugenia. Quando discorreremos em nosso texto sobre a multiplicidade de entender os estados de interpretação da eugenia, este estudo apresenta diferentes ângulos pelos quais o tema pode ser abordado.

Em particular, deve-se destacar o texto de Dilene Raimundo Nascimento e Luiz Otávio Ferreira nomeado *Da Hereditariedade à Pobreza: Combate à Tuberculose e ao Bócio na Infância em Tempos de Eugenia*,³⁷ em que demonstram como se deram as preocupações com a mortalidade infantil entre as classes pobres urbanas, bem como estas dialogaram com o movimento eugênico no Brasil do primeiro decênio do século XX até o Estado Novo. Para o primeiro período, os autores utilizam fontes referentes à tuberculose infantil advindas dos entornos do Instituto de Proteção e Assistência à Infância – IPAI (RJ). No segundo período, apropriam-se de fontes que mencionavam o bócio endêmico, relativas ao Serviço Escolar de São Paulo. As fontes revelam semelhanças no que diz respeito às duas doenças tidas como degenerativas da infância. Os cuidados com a infância seriam, no olhar de intelectuais como Moncorvo Filho, Barros Barreto, Plácido Barbosa e Armando de Arruda Sampaio, as bases de uma sociedade eugênica. Vale lembrar que além de textos de autoria desses intelectuais, a revista *Brazil-Médico*, a revista *Pediatria Prática – Revista Bimensal de Clínica Infantil e Puericultura* e o folheto *Livrae-vos da Tuberculose* foram utilizados na análise do referido texto.

Marcelo Sánches Delgado³⁸ em *Eugenesis: Ciencia y Religión. Una aproximación al caso chileno*, buscando demonstrar as continuidades e tensões entre o projeto moderno, o pensamento religioso e a proposta eugênica, considerou fontes que incluíam textos de médicos e advogados. Entre as fontes incluem-se os *Anales de la Facultad de Ciencias Jurídicas y Sociales de la Universidad de Chile*, textos da *Jornada Católica de Estudios Médicos de la Asociación Nacional de Estudiantes Católicos* e da *Revista Médica de Chile*. Tal análise expôs uma grande proximidade entre o discurso religioso e o eugênico que comumente são elementos tidos como incompatíveis.

No que concerne à metodologia comparativa na análise da eugenia, Marius Turda e Aaron Gillette³⁹ posicionaram interessantes perspectivas quando focaram na análise de eugenistas considerados pertencentes à comunidade internacional de cultura latina, em meados dos anos 1930, tais como França, Itália, Espanha, Bélgica, Suíça de língua românica, Portugal, Romênia, Argentina, México, Cuba, Brasil, Paraguai, Peru, Venezuela e Chile. A proposta foi reconstituir o que os eugenistas da época definiram como eugenia latina, assim como explorar quais foram as bases teóricas formadas e definidas em oposição à eugenia nórdica e anglo-saxônica. Segundo Turda e Gillette, a eugenia latina foi menos dependente dos

³⁶ MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. (Orgs.). *Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades*. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: Casa de Soluções e Editora, 2013.

³⁷ NASCIMENTO, Dilene Raimundo; FERREIRA, Luiz Otávio. *Da Hereditariedade à Pobreza: Combate à Tuberculose e ao Bócio na Infância em Tempos de Eugenia*. In: MOTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. (Orgs.). *Eugenia e História: Ciência, Educação e Regionalidades*. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: Casa de Soluções e Editora, 2013. p. 321-340.

³⁸ DELGADO, Marcelo Sánches. *Eugenesis: Ciencia y Religión. Una aproximación al caso chileno*. In: *Revista de Historia Social y de las Mentalidades*. v. 18, n. 1, 2014. p. 59-83.

³⁹ TURDA, Marius; GILLETTE, Aaron. *Latin Eugenics in Comparative Perspective*. Bloomsbury: London/New York, 2014.

conceitos de raça e de classe e muito mais dependente do indivíduo e da comunidade nacional.⁴⁰ O objetivo era demonstrar como ocorreu o processo de fragmentação da eugenia através da International Federation of Eugenic Organizations até a criação, em 1935, da Latin Eugenic Organization (Federazione Latina fra le Società di Eugenic; Fédération Internationale Latine des Sociétés d'Eugénique; Federatiunea Societatilor Latine de Eugenie).⁴¹ A análise comparativa envolveu instituições eugênicas que fizeram parte da rede internacional de eugenia latina e os diversos intelectuais representantes ou participantes destas.

Entre as instituições estavam a Argentinian Association of Biotypology, Eugenics and Social Medicina, a Central Brazilian Commission on Eugenics, a Catalonian Eugenics Society, a Eugenic Section of the International Institute of Anthropology, a Italian Society of Genetics and Eugenics, a Mexican Society of Eugenics, a Peruvian National League of Hygiene and Social Prophylaxis e a Federation of Romanian Eugenic Societies. Os únicos países que não possuíam instituições eram Bélgica, Portugal e a Suíça romana.⁴² As fontes concernentes à análise envolveram periódicos (revistas, boletins) das referidas instituições eugênicas, além de periódicos de instituições outras que dialogavam diretamente; textos publicados como livros pelos diversos participantes; atas, relatórios e anais de eventos, congressos e reuniões da área. Para dar conta desse trabalho comparativo quase hercúleo, Turda e Gillette contaram, no que diz respeito a fontes e bibliografias, com o apoio de pesquisadores de todos os países inclusos na pesquisa.

Quase ao final, ainda nos resta destacar uma outra possibilidade de abordagem: a dissertação de mestrado de Leonardo Dallacqua de Carvalho,⁴³ *A eugenia no humor da revista ilustrada Careta: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934)*, que exemplifica mais uma modalidade de trabalho com fontes (periódicos de variedades e iconografia). Manuseando a revista ilustrada *Careta*, dos anos de publicação que datam do primeiro período do governo Vargas, denominado Governo Provisório (1930-1934), o pesquisador examinou em torno de 240 edições em busca de questões sobre cor, raça e eugenia.

A investigação resultou em dezenas de caricaturas e crônicas articuladas com o contexto histórico, científico e político da época e o mapeamento da posição do discurso eugênico no periódico e seus reflexos na sociedade. Assim, pode-se notar como cronistas que escreviam na revista sob o nome de Pelegrino Junior, Micromegas – pseudônimo não identificado – e Domingos Ribeiro Filho, teciam fortes críticas às propostas da eugenia. Nas caricaturas notava-se, sob os traços criativos de homens como Storni, Navarro e J. Carlos, a íntima ligação dos desenhos que traziam à baila a reflexão das disputas raciais e do posicionamento em vista dos discursos eugênicos.

Apesar do viés humorístico que periódicos como *Careta*, *O Malho*, *Fon-fon!*, *A Cigarra*, entre outros, apresentam, estes são um reflexo de produção textual e iconográfica que dialogava com a sociedade em suas mais diversas estruturas. Por sua vez, a eugenia encontrou espaços à medida que a cientificidade e suas aplicações eram assuntos desses semanários e muitas vezes objeto de crítica. Aquele pesquisador

⁴⁰ *Idem, Ibidem*, p. 1. A metodologia da história comparada nas ciências, em grandes amplitudes é, sobretudo, perigosa, pois, ao mesmo tempo que possibilita encontrar as regularidades discursivas e práticas, pode realçar semelhanças por vezes superficiais que aplicadas a estruturas ou categorias de níveis diferentes possibilitam generalizações. Para os autores, o neolamarckismo, a puericultura, a biotipologia e a homicultura forneceram as bases da eugenia latina, e é válido afirmar que essas são características reveladas a partir da comparação com a eugenia nórdica e anglo-saxônica.

⁴¹ *Idem, Ibidem*, p. 9.

⁴² *Idem, Ibidem*, p. 186.

⁴³ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. *A eugenia no humor da revista ilustrada Careta: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2014.

que tomar como material revistas ilustradas poderá perceber novas facetas da abordagem de impressos periódicos em temas como eugenia, saúde e ciência.

Aliás, trabalhos que prezam por fontes de impressos periódicos se mostraram bem eficientes numa abordagem nacional vista pelos olhares de brasilianistas, como foi o caso de Jerry Dávila em *Diploma de Brancura*⁴⁴ (2006), cujo diagnóstico da eugenia e raça no Brasil na educação do país passou pela apreciação de periódicos de jornais e revistas. No que concerne aos jornais, Dávila observou tanto a chamada imprensa negra (como *O Alfinete*, *Getulino*, *A Chibata*, *O Menelick*, *O Clarim d'Alvorada*, *O Bandeirante*) quanto jornais de temáticas mais amplas (como *A noite*, *Jornal do Comércio* e *Jornal do Brasil*). Entre as revistas, além da *Revista de Educação Pública*, gostaríamos de mencionar a revista de variedades *Fon-fon!*, que figura mais uma vez como uma possibilidade de um conteúdo *smart* de análise para o historiador.

Na certeza de que dezenas de trabalhos e publicações ainda caberiam neste artigo – como o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Higienismo e Eugenismo (GEPHE) vinculado à Capes, liderado pela pesquisadora Maria Lucia Boarini⁴⁵ e a dissertação de mestrado de Pietra Diwan⁴⁶ – e, ao mesmo tempo, na impossibilidade de alocar todos, o foco na pluralidade das fontes a abordagens nos serve como um primeiro indício da extensão das pesquisas sobre a eugenia. Na continuidade da nossa proposta pensamos ser pertinente, no próximo tópico, elencar alguns estudos que estão sendo ou foram realizados no último ano com base na principal reunião de historiadores e pesquisadores de ciências e saúde no Brasil, a Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC), além disso, a observação estrutural e metodológica em um curso internacional sobre eugenia realizado na Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, que segue a mesma linha de discussão deste trabalho.

"Ampliando perspectivas": a eugenia no SNHCT e na FIOCRUZ.

Um dos exemplos que ilustram de maneira consistente os termos de disseminação científica e a atualidade de trabalhos e perspectivas da eugenia concentra-se no *14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, realizado de 8 a 11 de outubro de 2014, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte. Em especial, gostaríamos de ampliar a discussão do Simpósio Temático 08 denominado *Ciência, Raça e Medicina em Perspectiva Histórica*, coordenado pelos professores Dr^a. Ana Carolina Vimieiro Gomes (UFMG) e Dr. Vanderlei Sebastião de Souza (UNICENTRO-PR). A proposta dos professores esteve centrada em discutir como os diferentes tipos de literatura e o pensamento social acionavam as discussões médicas e científicas no que tratava de raça. Compreender como se configuravam o uso desses termos a partir dos diversos campos das ciências como a eugenia, a higiene, a

⁴⁴ DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil, 1917-1945*. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

⁴⁵ O grupo sobretudo formado por pesquisadores na área de psicologia, mas contando com contribuições de outras áreas como Educação e Filosofia, desenvolveu trabalhos como BOARINI, M. L. (Org.); NALLI, Marcos Alexandre Gomes (Org.); WANDERBROOCK JUNIOR, Durval (Org.); MOURA, R. H. (Org.); FERNANDES, S.L. (Org.); MAESTRI, M. (Org.); BORGES, Roselania Francisconi (Org.); SOUZA, Milena Luckesi de (Org.); MARTINS, Maria Silvinha Carraro (Org.). *Raça, Higiene Social e Nação Forte*. 1. ed. Maringá/PR: EDUEM - Ed. Universidade Estadual de Maringá, 2011 e BOARINI, M. L. (Org.); SILVA, L. C. (Org.); RIBEIRO, P. R. M. (Org.); DACOME, O. A. (Org.); NALLI, Marcos Alexandre Gomes (Org.); REIS, J. R. (Org.); MAI, Lilian Denise (Org.). *Higiene e Raça como Projetos: Higienismo e eugenismo no Brasil*. 1. ed. Maringá: Ed. Universidade Estadual de Maringá, 2003. O site particular do grupo pode ser acessado em: <http://www.ppi.uem.br/gephe/>.

⁴⁶ DIWAN, Pietra. *O espetáculo do feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl*. (Mestrado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, 2003.

biotipologia, a medicina legal, a antropologia física, a psiquiatria, a etnologia e a genética tornaram-se relevantes para o encontro.

A sessão de comunicação apresentou como uma de suas características congregar diversos temas que versassem diretamente ou indiretamente em uma abordagem da eugenia. Para tanto, optamos por selecionar aqueles que têm em seu título a referência direta à eugenia. Como objeto de análise, utilizaremos a relação de autores que publicaram o texto completo nos *Anais* do evento⁴⁷ mesmo sabendo que os outros participantes trabalharam com a temática e que nem todos publicaram suas pesquisas, o que restringe, em parte, nossas observações. Contudo, ao referenciarmos esses trabalhos, pretendemos trazer à luz o interesse de pesquisadores das ciências e da saúde no tema. O quadro abaixo está separado em ordem alfabética por pesquisadores e contém informações como formação acadêmica,⁴⁸ universidade ou instituto do qual faz parte e o título do trabalho:

Pesquisador	Formação acadêmica	Universidade/Instituto	Título da comunicação
Ana Carolina Vimieiro Gomes	Doutora	UFMG	A biotipologia da mulher no Brasil: hormônios sexuais, moralidade e eugenia na normalidade corporal da mulher, 1930
André Luiz dos Santos Silva	Doutor	FEEVALE	Inserções da Eugenia nas revistas de Educação Física - 1932 a 1945
Aline de Sá Cotrim	Mestrado em andamento	COC/FIOCRUZ	Miguel Couto: educação e eugenia
Gabriel Verdin de Magalhães	Mestre	UFMG	"Formador de raças fortes": A Eugenia no jornal Minas Gerais
Karla de Souza Babinski	Mestrado em andamento	UTFPR	Discursos eugênicos em Gustavo Barroso (1915-1930)
Leonardo Dallacqua de Carvalho	Mestrado em andamento	UNESP/Assis	A eugenia no humor da revista ilustrada <i>Careta</i> : raça e cor no Governo Provisório (1930-1934)
Robert Wegner	Doutor	COC/FIOCRUZ	Eugenia, genética e endocrinologia: miscigenação e teorias científicas no início da década de 1930

⁴⁷ Disponível em: http://www.14snhct.sbhct.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=800. Acesso em: 29 de março de 2015.

⁴⁸ Correspondente ao grau de formação na época do evento.

Em um universo de 19 trabalhos apresentados na referida sessão de comunicação, sete possuem menções diretas em seus títulos à eugenia. Um número significativo tendo em vista que a sessão aglomerou, seguindo a proposta *Ciência, Raça e Medicina em Perspectiva Histórica*, outros 12 trabalhos⁴⁹ que tratariam de temas próximos ou mesmo com a temática da eugenia na discussão.

Entre a variedade demonstrada no quadro, encontramos temas da eugenia relacionada com as mais diversas propostas e fontes: Vimieiro pensou a eugenia relacionada à biotipologia e à questão de gênero; Silva, Magalhães e Carvalho ponderaram, respectivamente, revistas especializadas, jornais e revistas de variedades; Babinski e Cotrim seguiram o prisma da história intelectual de Gustavo Barroso e Miguel Couto; Wegner investigou os discursos acerca de eugenia, genética e endocrinologia.

Outro elemento a ser notado é o espaço temporal das pesquisas que tangem às décadas de 1910 a 1945. Sendo assim, os trabalhos abarcaram do início do século XX até o final da Segunda Guerra Mundial as discussões em volta do mote. Embora nossa opção de recorte temático do evento tenha se restringido ao exame desta sessão de comunicação, o tema da eugenia esteve presente em outros simpósios do evento,⁵⁰ o que soma com a interdisciplinaridade das análises das fontes.

As temáticas elencadas evidenciam o interesse de abordagens de distintos prismas, mas que fornecem um diálogo para as pistas da compreensão da eugenia no país. São estudos que são ou foram realizados em diferentes centros de pesquisas no Brasil. No quadro acima, podemos notar as pesquisas nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná, e ainda reunir pelo menos cinco universidades ou institutos de pesquisas, a saber: Fundação Instituto Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/COC), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Feevale (FEEVALE) e Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Assim sendo, é possível observar em diversos focos acadêmicos o interesse por abordar em várias frentes/vertentes o tema da eugenia.

Embora não consigamos acessar os *Anais* de outras edições do *Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, a referência da última edição, em um dos eventos mais relevantes da área, é simbólica para anotar a pluralidade das questões e dos debates que envolvem o tema da eugenia.

Esse repensar e ampliar pode ser visto por outras iniciativas de reflexão da temática no campo historiográfico. O minicurso organizado pelo Dr. Robert Wegner, da FIOCRUZ, e pela Dra. Alexandra Minna Stern, da Universidade de Michigan, denominado História da Eugenia: ampliando perspectivas, talvez seja um exemplo profícuo da movimentação do campo a partir da reunião dos pares e pesquisadores. O evento ocorreu entre 3 e 5 de agosto de 2015 e foi ministrado por pesquisadores que, nos últimos anos, se dedicaram à pesquisa em torno da perspectiva da eugenia. Além de Wegner que publica e orienta trabalhos envolvendo a temática, e de Stern, uma referência para os estudos da eugenia dos Estados Unidos, a proposta engloba a participação do professor Jerry Dávila da Universidade de Illinois, autor de *Diploma de*

⁴⁹Para não sobrecarregar este artigo, deixamos o *link* dos outros trabalhos apresentados que podem ser consultados no caderno de programação do evento: <http://www.14snhct.sbhct.org.br/programacao>. Acesso em 1º de abril de 2015.

⁵⁰ O tema aparece em outras três comunicações: *Eugenia e ensino de genética: do que se trata?* de Izabel Mello Teixeira e Edson Pereira Silva; *“Em torno da Antropologia”: ciência, evolução, genética e eugenia nos estudos de Salvador de Toledo Piza Jr. na década de 1930*, de Paula Arantes Botelho Briglia Habib; *A eugenia e a genética nos livros didáticos universitários norte-americanos no início do século XX* de Rodrigo Andrade da Cruz.

Brancura (2006), Vanderlei Sebastião de Souza da UNICENTRO e Ana Carolina Vimieiro (UFMG), estes últimos foram mencionados ainda neste subtítulo referente à organização da sessão que pensou, entre outros temas, a eugenia no SNHCT, o que sugere a continuação da atenção às investigações sobre o mote. Na ementa do curso, Wegner e Stern enfatizam a necessidade das discussões propostas neste trabalho:

Além do seu caráter introdutório, o minicurso visa sugerir e discutir novas perspectivas para o estudo da eugenia. Em primeiro lugar, enfatizando o caráter transnacional do movimento, aponta para a necessidade de estudá-lo em contextos específicos sem perder de vista as conexões entre o local e o global. Em segundo lugar, pretende-se perceber a proximidade da eugenia com outras áreas, como a educação, e com outras disciplinas biomédicas, como a biotipologia e a endocrinologia; ou, se não os diálogos, o transbordamento de questões elaboradas por eugenistas para outros campos de conhecimento. Em terceiro lugar, devemos nos indagar se o movimento eugênico deve ser compreendido como uma disciplina científica que vigorou em um período delimitado da primeira metade do século XX ou se, ao contrário, o termo eugenia é adequado para abordar teorias e práticas científicas que vigoraram e vigoram para além daquele período específico. Esta questão ganha importância na medida em que a história da eugenia pode ser importante para refletir sobre o desenvolvimento da genética a partir da segunda metade do século XX e sobre as questões éticas implicadas nas pesquisas sobre o genoma humano nos dias de hoje.⁵¹

As exposições dos palestrantes sugerem as mesmas preocupações desse artigo ao passo que os títulos de suas apresentações compreendem a pluralidade dessas possibilidades e perspectivas: Jerry Dávila tratou acerca da *Eugenia, educação e o brasileiro*; Vanderlei Sebastião de Souza, *As ideias eugênicas e os embates entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto*; Robert Wegner, *Em torno da miscigenação: da Eugenia a endocrinologia*; Ana Carolina Vimieiro, *Biotipologia no Brasil e a "produção de pessoas"*; Alexandra Minna Stern, *História da eugenia nos EUA: alargando temporalidades*. Os assuntos relacionados à eugenia perpassam, então, por campos da História da Educação, História Intelectual, História da Medicina, História dos Estados Unidos, História da Saúde Pública, apenas para citar alguns.

Ao mencionarmos uma organização de sessão em 2014 sobre o tema da eugenia e, no ano seguinte, um minicurso com pesquisadores de referência mundial na FIOCRUZ, anotamos a elevação da discussão sobre as possibilidades de pensar os objetos nas pesquisas contemporâneas e romper qualquer argumento que insinue o desgaste do tema para historiadores da contemporaneidade. A ampliação das perspectivas da eugenia é objeto e preocupação do historiador do século XXI.

Considerações finais

O que nos motivou a apresentar este trabalho – além de expor as novas questões e perspectivas da eugenia para pesquisadores da contemporaneidade – foi sugerir que o tema da eugenia não está esgotado ou passivo de delimitar que nada mais pode oferecer para a historiografia. Pelo contrário, Mark Adams e seus colaboradores, ainda no final do século passado, chamaram atenção para as peculiaridades com que a eugenia poderia ser desdobrada pelo seu caráter plural. Em vista dessas possibilidades é que

⁵¹ Disponível em:

http://www.ppghcs.coc.fiocruz.br/images/DocumentoseManuais/Disciplinas/2015/historia_da_eugenia_2015.2.pdf.

Acesso em: 8 de agosto de 2015.

consideramos como algumas pesquisas trazem este caráter singular em suas fontes e análises para o tema da eugenia.

A historiografia pode pensar muitos problemas na relação contextual da eugenia no Brasil no exame das mais variadas fontes. A literatura – como a de Monteiro Lobato, por exemplo –, os periódicos especializados da medicina, psiquiatria, educação física de diversos estados e cidades, as revistas de variedades, os jornais de circulação nacional, a produção intelectual de atores que estiveram pensando a eugenia, as Atas de eventos, os relatórios médicos/psiquiátricos, as propagandas, em suma, há uma gama de fontes a serem exploradas que permitem pensar a eugenia por perspectivas que ora representam um esquema comparativo para pensarmos o tema no país, ora trazem uma abordagem ímpar de uma interpretação individual de alguma fonte. Ao aproximarmos pesquisas que se preocupam com a eugenia, estamos pensando em uma teoria científica aplicada na sociedade e que representou diversas formas de interpretar e entender diferentes contextos. Daí as conexões e os diálogos estabelecidos contribuírem para o pesquisador no trato de sua fonte traçar novas evidências da sua relação com a sociedade.

Muitas questões ainda podem ser feitas em relação à eugenia e até mesmo ao método comparativo, entre o pensamento intelectual ou de locais de apropriação do tema. Nas primeiras décadas do século XX, a eugenia esteve presente no discurso de incontáveis personagens das mais variadas áreas, de juristas a médicos, e, diante das novas perspectivas de análise, pode-se ainda dizer que há muita coisa para ser esmiuçada no Brasil. Permanecem ainda lacunas no que se refere às modificações ou transformações do discurso advindo de eugenistas no pós-1940, período em que o termo torna-se estigmatizado no campo científico e social.

O que se pretende sublinhar é que as rupturas são necessárias para se perceberem as inovações no campo da História das Ciências, conforme Thomas Kuhn,⁵² porém, há que se atentar às percepções das continuidades ou, como sustentou Flavio Edler,⁵³ em estudo particular, a visão “continuísta” dos processos. Ao pensarmos por esse viés, os trabalhos ganham novos contornos e dimensões à medida que não se pensa em estabelecer uma linha reta da “história da eugenia”, mas perceber em cada período de estudo, seja na sua elaboração na segunda metade do XIX, seja nas memórias sobre a eugenia no século XXI, o *ethos* constitutivo do que se entendia pela teoria.

Tais reflexões, no entanto, não estão reservadas apenas a um campo da História, esta representa a possibilidade de pensar as várias maneiras de manejar as fontes no trato do historiador com seu objeto de pesquisa. A seleção da eugenia como problemática no texto colabora para o exercício de um tema que é controverso não somente na historiografia mas no meio não acadêmico. As visitas sob novas perspectivas ajudam a desamarrar alguns vícios interpretativos de associação de teorias raciais ou da eugenia a agentes seletivos da história, fato que muitas vezes encoberta a participação de outros atores e países que endossaram e aplicaram seus manuais. Desse modo, a prática contribui para não atribuir maniqueísmos e para orientação da prevalência de uma análise de compreensão dos textos e contextos.

Questões e fontes relativas à biotipologia humana, criminologia e endocrinologia podem revelar imensos campos de análise para os pesquisadores no que diz respeito a estas transformações dos

⁵² KUHN, Thomas Samuel. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectivas, 1982.

⁵³ EDLER, Flavio Coelho. *A Medicina no Brasil Colonial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 16.

discursos advindos de eugenistas. Como sugere o título, o que mais a historiografia tem a dizer sobre o tema? Apesar de parte da resposta estar presente nos argumentos do texto, as reflexões, assim como mostrou Gavroglu, não cessam. As perguntas que instigaram os historiadores sobre a eugenia orbitam no tempo em que são pensadas e diante das fontes que se apresentam à disposição. Nas últimas décadas, presenciamos esse cenário de ampliação do material de crítica e como os historiadores têm manejado e arquitetado suas pesquisas, permitindo assim, novas questões e perspectivas em torno da história da eugenia. Em outras palavras, ainda há um "canteiro de obras" para os estudos da eugenia.

Leonardo Dallacqua de Carvalho: Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis), bolsista FAPESP. Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Assis), Bolsista FAPESP. Doutorado em andamento em História das Ciências e da Saúde na Fundação Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ-RJ), bolsista FIOCRUZ. Tem interesse em temas relacionados a: eugenia; doenças tropicais; História da medicina e psiquiatria; História intelectual; Questões de ciência e saúde relacionadas à Primeira República e ao Período Getúlio Vargas (1930-1945).

Gerson Pietta: Graduado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná, em 2010. Mestrado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Regiões da mesma IES. Atualmente trabalha no Centro de Documentação e Memória – CEDOC/Irati, vinculado à linha de pesquisa regiões: práticas socioculturais e relações de poder. Tem atuado em pesquisas ligadas aos temas: história intelectual, história da saúde pública, eugenia, raça, nação, regiões, identidades sociais e relações de poder.